

GT 9. Pensamento da direita e chauvinismo na América Latina

A trajetória da extrema direita no Brasil: integralismo, neonazismo e revisionismo histórico (1930 - 2012)

Guilherme Ignácio Franco de Andrade¹

Resumo: O objetivo desse trabalho é mostrar a trajetória dos movimentos de extrema direita no Brasil, desde o surgimento do Integralismo na década de 30, mas dando ênfase ao processo histórico do surgimento do neonazismo, quais as formas de divulgação do neonazismo através da internet e do movimento revisionista e negacionistas no Brasil. O artigo pretende fazer um balanço geral da questão, não tendo a pretensão de se aprofundar sistematicamente em apenas um recorte historiográfico. Pois podemos perceber que no Brasil tanto o neonazismo como o próprio integralismo são movimentos heterogêneos, em que cada grupo, existe diferentes interpretações da realidade do país e diversas abordagens ideológicas. Os grupos de extrema direita apresentam diversas contradições quando investigamos sua estrutura, a base ideológica e principalmente seus integrantes.

Palavras-chave: Extrema Direita – Neonazismo - Brasil

Os movimentos de extrema direita estão novamente entrando em destaque na mídia mundial. Partidos de extrema direita na Europa estão ganhando terreno político no cenário europeu, como se observa no caso da Frente Nacional na França, ou do Aurora Dourada na Grécia, que têm alcançando uma quantidade expressiva de votos nas eleições gerais em seus países.

No Brasil, os grupos de extrema direita ganharam destaque a partir da década de 1930 com os integralistas. Período que corresponde à luta para chegada ao poder do partido integralista. Porém, após o fim da 2ª Guerra Mundial, o integralismo perdeu a sua ênfase. Depois passa pela ditadura militar até a abertura política e a redemocratização do país. E por fim no início dos anos 90, o mundo globalizado em que hoje vivemos. Mesmo sendo em

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em História, Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, Campus Marechal Cândido Rondon. Sob orientação do Prof. Dr. Gilberto Grassi Calil. Email: Guilherme_andrade@hotmail.com

tempos diferentes, em espaços históricos diferentes, que separam os integralistas dos neonazistas, podemos apontar algumas semelhanças entre ambos os grupos, como o nacionalismo extremista, o combate ao bolchevismo e o culto a aperfeiçoamento do ser.

Para que se compreenda o neonazismo no Brasil é preciso entender a trajetória política da extrema direita no país. Começamos pelo integralismo na década de 30, que propunha uma interpretação do fascismo, para a realidade política do Brasil.

O integralismo foi o principal movimento de extrema direita do Brasil, o que conseguiu o maior número de filiados, votos em eleições e possui vasto material ideológico produzido por seus líderes. Dentro da ideologia integralista, temos diferentes posições e interpretações da doutrina e compreensão da política nacional, assim como projeto para um governo integral. O partido compunha várias vertentes do pensamento conservador, alguns integralistas acreditavam que a raça brasileira seria uma união de todas as raças, o que logo se tornaria algo mais homogêneo, fruto da miscigenação ao passar dos anos, característica que seria exclusivamente Brasileira. Diferente do nazismo na Alemanha, no Brasil um país com a maioria da sua população sendo negra e mestiça, seria difícil ganhar apoio das massas, se existisse uma política em que se defende o arianismo ou algum programa de eugenia. Existiam alguns integralistas que defendiam a segregação entre raças e apoiava o antissemitismo, como Gustavo Barroso². Há uma carta de Plínio de 1935 em que ele afirma que integralismo não é fascismo (CHASIN, J. 1999. p.34). Mas acreditamos que pelo motivo do Brasil não possuir sua população em sua grande maioria composta de uma única etnia de origem europeia, os integralistas buscaram se desvincular do nazismo.

Segundo Calil (2001), o Integralismo se proclamava antirracista e defendia a miscigenação no Brasil. Principalmente após o Estado Novo entrar em guerra contra o Eixo, o partido integralista prontamente se manifestou a favor da posição do governo (CALIL, 2001. pg.82). Após a II Guerra, os integralistas procuraram se distanciar de qualquer vínculo ao nazismo, em primeiro lugar pelas denúncias da mídia sobre a colaboração de alguns integralistas com o nazismo, a pressão popular, as manifestações dos movimentos estudantis em marchas antifascistas e integralistas (CALIL, 2001. pg.90).

A Guerra Fria também colaborou para que a extrema direita continuasse a ter alguma disseminação tanto no Brasil como na Europa. Uma das formas de manter o poder sobre a população foi criar um ambiente de terror e medo de uma possível revolução comunista.

²BARROSO, Gustavo. **Os protocolos dos sábios de Sião**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1936. Livro que procura divulgar um suposto "plano sionista de dominação mundial".

Campanha empregada pelos países capitalistas para garantir a dominação e alienação da própria população, para legitimar o domínio do capitalismo. Segundo Luiz Roberto Lopez (1992) o fracasso do processo de desnazificação da Europa e o conflito ideológico articulado à Guerra Fria permitiram que tanto nazistas e colaboracionistas dos regimes autoritários continuassem a desempenhar seu papel ideológico sem muitas restrições. Tanto que vários carrascos nazistas foram utilizados pela CIA e OTAN para conter o avanço comunista na Europa e treinar os órgãos repressores nas ditaduras da América Latina (LOPES, 1992. pg.86).

O próximo passo que ajudou a manter a extrema direita ativa no Brasil foi o desencadear do golpe militar em 1964. Tal fato proporcionou aos integralistas a oportunidade de conseguir ocupar cargos estratégicos dentro do governo. Em paralelo, alguns ex-integralistas desenvolveram alguns dos projetos da extrema direita, como a criação do Partido Nacional Socialista Brasileiro (PNSB), fundado por Armando Zanine, ex-oficial da marinha mercante, e que outrora viria a se chamar Partido Nacionalista Revolucionário Brasileiro (LOPES, 1992. pg. 147).

Grupos Skinheads e Neonazistas no último quartel do século

É a partir da década de 1980 que começamos a análise do nosso tema, ou seja, do surgimento dos grupos skinheads influenciados pelos grupos ingleses e posteriormente na transformação de alguns grupos influenciados pela ideologia nacional socialista, os intitulados grupos neonazistas.

A estagnação econômica no país e a incerteza política durante o período de redemocratização influenciaram o surgimento do movimento *skinhead* ("cabeças raspadas"). Nome dado ao grupo de jovens trabalhadores que surgiu na Inglaterra, que eram caracterizados por andar com calças militares ou calças e suspensórios, tradicionalmente usadas por operários e funcionários do porto, além dos coturnos e a cabeça raspada (COSTA, 2000). Esse movimento inglês surgiu durante a década de 60 no Reino Unido, era composto por jovens proletários, preocupados com a falta de perspectiva de vida durante a crise do Estado de bem estar social. Esses grupos procuravam mostrar à sociedade sua indignação com o meio social em que viviam (SALEM, 1995, pg.37). A busca por seu próprio espaço é marcada pela consolidação do capitalismo de "consumo em massas" que deu ao jovem inglês independência e autonomia financeira.

O Brasil na década de 80 exibia um cenário com algumas semelhanças em relação ao da Inglaterra na década de 60. O país passava por um processo de transformação da classe operária, do crescimento dos movimentos sindicais, em meio à reabertura política, anistia e a redemocratização. O clima político em que a sociedade estava envolvida, fragilizada, favorecia o surgimento dos “carecas” no país (COSTA, 2000. Pg.73). O primeiro grupo conhecido foi “os carecas do subúrbio”, que apresentava características parecidas com os grupos ingleses, como o nível socioeconômico ou a proveniência de áreas industriais. A grande maioria vinha das camadas baixas da sociedade. Os carecas do subúrbio tinham como ideais políticos o nacionalismo, união e fraternidade. (COSTA, 2000. Pg.75)

Em seu início eles eram compostos por diferentes etnias, não partilhavam do conceito de segregação racial. Esse é o traço mais marcante no começo do movimento *skinhead* no Brasil. Os grupos eram compostos em sua maioria por operários da zona leste da cidade de São Paulo e qualquer pessoa poderia participar do grupo, sem exclusão da participação de pardos e negros. Em seu início não havia a simbologia nazista, nem preconceito racial; a ideologia era composta por poucos princípios, como o culto ao físico, a prática da defesa pessoal e postura contrária à utilização de drogas. (SALEM, 1995. Pg.75)

Com o passar do tempo alguns grupos carecas começaram a simpatizar com algumas ideias nazistas e utilizar seus símbolos. Em um primeiro momento, empregavam tal simbologia como forma de autoafirmação do grupo enquanto movimento radical. E as saudações nazistas para ganhar respeito e impor medo aos grupos rivais punks. Por mais que muitos grupos tenham em primeiro momento relutado em se afirmar enquanto defensores do nacional socialismo, procurando se distanciar dos grupos *White Power*³. A incorporação da suástica e a presença da ideologia nazista no grupo Carecas do Subúrbio geraram conflitos entre seus membros, pois parte da liderança não aceitava a segregação racial como base primordial da ideologia. Partindo do pressuposto que no Brasil seria impraticável o racismo, como entendimento que a miscigenação e o convívio diário com pessoas etnicamente diferentes impediriam empregar tal conceito no grupo, até porque já não existia uma homogeneidade étnica. Embora o conceito de preconceito racial já estivesse disseminado internamente, pois o grupo era contrário a migração, discriminavam os nordestinos, judeus e homossexuais. Dessa disputa interna os membros dissidentes vão criar os “Carecas do ABC”. (COSTA, 2000. Pg.75)

³ Termo utilizado pra identificar grupos que pregam a supremacia racial caucasiana, membros em sua maioria brancos, supostamente descendentes de europeus.

A suástica começou a aparecer nos fanzines produzidos pelos carecas e nos panfletos que circulavam nas manifestações, como se via na carta de apresentação do grupo, que exibia conteúdo racista, com ameaças aos nordestinos. As saudações nazistas e a disciplina da SS *Schutzstaffen* influenciaram o comportamento dos grupos que agiam como tropa de choque. Até esse momento os grupos Brasileiros se diferenciavam dos grupos Europeus, que já tinham incorporado o nazismo e o preconceito racial.

Essa mudança teve rápida aceitação pelos grupos que existiam no sul do Brasil. Em primeiro lugar, a rápida incorporação do nazismo em movimentos extremistas se deve ao fato de ter existido na região o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores da Alemanha durante a 2ª Guerra Mundial (DIETRICH, 2007). Outro aspecto que possibilitou o desenvolvimento da ideologia racial é devido ao grande número de descendentes de europeus, principalmente alemães, nessa região. O movimento também aumentou conforme as cidades sulistas começaram a receber migrações de nordestinos e nortistas. Aos poucos os grupos neonazistas na região sul do país e em São Paulo aderiram às novas mudanças, a linha de pensamento "*White Power*"⁴ ("Força Branca"). Os grupos WP têm como características o ultrarracismo, e são considerados os grupos mais radicais e agressivos entre os movimentos da extrema direita. Eles adotam o nacional socialismo como princípio de vida, apregoando o culto ao físico, a disciplina e a fidelidade entre os membros, como uma irmandade.

Em primeiro lugar, por questões de ascendência europeia, os grupos "*White Power*" se proclamam "herdeiros" do patrimônio genético europeu para se automearem "superiores". As outras etnias presentes no Brasil são qualificadas como "pragas" e "sanguessugas", pois segundo os neonazistas elas "destroem" e "corrompem" a comunidade onde vivem. Essa volta das ideias do arianismo tem como fundamento a busca por ideologias do passado, que concretizem as aspirações dos grupos extremistas, que precisam fundamentar seus argumentos de "superioridade racial". O objetivo se voltava para sua pretensa afirmação enquanto líderes naturais da civilização.

No Brasil, várias pesquisas buscam apontar os principais motivos para o surgimento dos movimentos de extrema direita a partir da década de 90. Para o historiador Lopes em seu livro "Do Terceiro Reich ao Novo Nazismo", o surgimento dos grupos neonazistas corresponde a meros casos isolados; seriam grupelhos com pouca expressão política, que não compreendem

⁴ O slogan *White Power* surgiu nos Estados Unidos durante um debate entre George Lincoln Rockwell líder do Partido Nazista Americano com lideranças dos "Panteras Negras". Ou seja, esse discurso de afirmação da supremacia caucasiana nos Estados Unidos floresceu em meio aos conflitos por direitos civis na década de 60. Posteriormente *White Power* se tornou o jornal do partido nazista americano.

o mundo em que vivem e que buscam, através das manifestações do grupo como pintar suásticas e brigar com outras gangues, uma forma de chamar atenção e de chocar a sociedade. Nas palavras de Lopez (1992, pg.146) o neonazismo não tem força suficiente para causar preocupações enquanto grupo revolucionário:

[...] Assim como o nazismo em seus tempos áureos não frutificou no Brasil, os neonazistas atuantes hoje em dia também não devem nutrir muitas esperanças de se expandirem. Há quem se impressione com suásticas pintadas em paredes. Mais isso prova uma suposta força dos neonazistas, ou alguma conspiração subterrânea? [...]

Assim, segundo Lopez (1992, pg.146), os grupos no início dos anos 90 não apresentavam propostas políticas concretas, não acreditando em uma possível ascensão dos grupos no Brasil, por acreditar que na história do país o fascismo não teve respaldo político:

[...] Há sempre um parcela de imprevisibilidade no futuro de movimentos como o neonazismo. No Brasil, porém, nada autoriza a pensar que ele vá além do saudosismo de velhos, do entusiasmo confuso de alguns jovens e dos difusos temores que determinados indivíduos nutrem em relação ao judaísmo. Eventualmente, seus integrantes poderão provocar agressões isoladas, restritas a órbita do interesse policial ou judiciário. A direita brasileira, em seu todo, nunca precisou de um fascismo "clássico" para assegurar suas posições [...].

Os neonazistas no Brasil podem ser grupos pequenos, mas, embora sem muita expressão ou programa político para uma revolução no país, estão se estruturando e estão mais organizados hoje. Nas palavras de Helena Salem (1995, pg.37):

[...] Os neonazistas podem estar mais organizados e estruturados em todo o mundo do que há uma década, mas ainda assim não passam de pequenos grupos, se comparados com as demais forças políticas nos respectivos países onde atuam. Mas nem por isso são menos perigosos. Sobretudo se levarmos em conta que constituem parte de uma realidade história e filosófica muito mais ampla. Uma realidade de intolerância, de rejeição às diferenças, talvez endêmica a própria história da humanidade [...].

No entanto, discordamos do autor, pois, tanto o Estado Novo, como a Ditadura Militar, podem ser caracterizado como regimes autoritários, com elementos concretos do fascismo. Ambos os estudos indicados acima foram realizados no início da década de 1990. Passados 20 anos, podemos perceber que os grupos, ainda que não tenham evoluído o suficiente para conseguir cargos políticos, hoje apresentam uma evolução nas questões ideológicas, no

número de representantes, e nas formas de articulação e manifestação. A partir do ano 2000, podemos encontrar cada vez mais grupos radicais com diferentes perspectivas políticas, tais como o neonazismo, os partidos conservadores cristãos, a volta do integralismo que hoje apresentam três grupos organizados.

As produções sobre o neonazismo durante a década de 1990 abordam mais as questões que envolvem seu surgimento como mero fenômeno político de pequenos grupos isolados, até porque as poucas mobilizações e informações dos grupos no início não permitiam que se fizessem maiores abordagens. Os estudos dos grupos neonazistas se pautavam em suas influências, seu comportamento, sua diferença com outros grupos radicais, não houve uma exploração maior da questão da ideologia em si, em parte por ela se desenvolver a partir dos anos 1990 até os dias atuais.

A radicalização do pensamento político no Brasil, o clássico partido de Direita permaneceu por um bom tempo acuada, a recente Ditadura Militar no país, obrigou tais grupos a permanecerem ocultos, pela repulsa de grande parte da população. Hoje, porém, os discursos da direita estão obtendo repercussão na sociedade. Parte disso deriva da emergência de parte da classe média, em se posicionar contra políticas assistencialistas do governo, dos programas de cotas e ações afirmativas a favor dos homossexuais. Por se considerar lesada pelas ações dos governos por ela entendida como de "esquerda". (DIWAN, 2011, pg. 142)

O Neonazismo na Internet

Em meados da década de 1990, com o desenvolvimento tecnológico em ritmo frenético e a produção em escala global de produtos tecnológicos, estes se tornaram mais acessíveis a classes menos privilegiadas (também reflexo do crescimento da classe média e de seu poder aquisitivo). Essas novas tecnologias, seguidas da inserção da internet no cotidiano da população como meio de acesso à informação e comunicação, transformou o exercício da liberdade de expressão. Isto possibilitou às pessoas, mesmo que em proporções limitadas, ter voz e divulgar as outras pessoas suas opiniões. As mais diversas formas de manifestação podem ser visualizadas através da internet: tal mídia ganhou tamanha repercussão, que diversos temas como política, eleições, esportes, estão inseridas nas discussões nas redes sociais. A partir do crescimento de sua utilização e seus diferentes usos, a internet ganha atenção do ponto de vista acadêmico, pois a rede proporcionou um aporte quase inesgotável de novas fontes. Segundo o pesquisador Fabio Chang de Almeida (2011, pg. 12):

[...] A rede mundial de computadores tornou-se uma ferramenta de comunicação poderosa, devido à facilidade de acesso e à amplitude de cobertura da nova tecnologia. Um computador conectado à Internet é

um eficiente instrumento para a troca de informações em escala global. Com a popularização em escala mundial, criou-se um novo espaço de sociabilidade: o ciberespaço. [...]

Não obstante o ciberespaço ser um *locus* para a promoção da liberdade de expressão e direitos humanos, o ambiente virtual também se revela facilitador para violações de outros direitos fundamentais devido aos fatores do anonimato, invisibilidade e sensação de impunidade.

O crescimento da extrema direita e do neonazismo no Brasil pode ser verificado quando pesquisamos em sites de busca a palavra nacional socialismo: logo centenas de referências aparecem. Em estudo realizado pela pesquisadora Adriana Dias (2007, Pg.35), hoje aproximadamente cerca de 150 mil brasileiros visitam mensalmente mais de cem páginas com conteúdos nazistas. Segundo Dias, desse total, 15 mil são líderes e coordenam as incitações de ódio na internet; os grupos seriam de pequeno porte, segundo a autora teriam entre 15 a 20 pessoas. Em 2007 a autora (DIAS, 2007, Pg.35), afirma que o site do grupo Valhalla obteve mais de 200 mil acessos em um único dia:

[...] No Brasil, crimes de ódio racial ainda são precariamente condensados em dados específicos, muitas vezes caracterizados apenas como lesão corporal, injúria ou até homicídio e não destacados como crimes de racismo, embora a Constituição Brasileira de 1988 o preveja como imprescritível e inafiançável. Ainda assim, as estatísticas dos movimentos anti-racistas apontam para o fato de que pelo menos noventa mil pessoas estejam diretamente envolvidas em grupos neonazistas, cerca de metade disto apenas no Estado de Santa Catarina. O maior site neonazista brasileiro, o Valhalla tem sua sede em Santa Catarina e alcançou a significativa marca de 200.000 visitas diárias antes de ser retirado do ar, em agosto de 2007[...]

A autora Dias (2007, pg.94) ainda diz que o site do grupo:

[...] Considerando apenas o Valhalla 88, por exemplo, suas mais de mil e quinhentas páginas equivaleriam a dezessete sites médios, se levarmos em conta todos os sites e cerca de cinquenta sites se desconsideramos os grandes portais. A rede racista é, portanto, muito expressiva em tamanho: os sites se reproduzem aos milhares e a grande maioria ocupa espaço de dezenas deles. [...]

Esse crescimento evidencia o aumento das páginas na internet, criados pelos próprios grupos para divulgação dos seus materiais. A internet tem funcionado como principal veículo de comunicação entre os grupos extremistas. Não só os grupos de extrema direita se

aproveitam da facilidade que a internet proporciona como outros grupos também se articulam através dos seus próprios sites ou páginas de relacionamentos. (FRANCO DE ANDRADE, 2009).

Exemplos de tais ofensas são os discursos racistas encontrados em *sites* neonazistas de autores brasileiros. A discriminação e a intolerância a judeus, negros, nordestinos e homossexuais se baseia no pressuposto da superioridade racial, ou seja, da imposição de uma raça superior sobre o resto do mundo. Os responsáveis pelos sites neonazistas costumam agir de forma articulada e planejada, se precavendo com possíveis restrições ou processos criminais. Para tanto, se utilizam de diversos mecanismos dos avanços tecnológicos para que seus computadores não possam ser rastreados.

Aproveitando-se da "tolerância legal" de alguns países, como os EUA e Canadá, onde a liberdade de expressão tem aplicações diferentes do que em nosso país, os diversos grupos e organizações radicais de direita se aproveitam de países em que a legislação é mais maleável, menos rigorosa (FRANCO DE ANDRADE, 2009). Assim, eles hospedam sites em "territórios virtuais" estrangeiros para divulgarem suas crenças e ideologias políticas. Essa tática serve pra ludibriar os órgãos responsáveis brasileiros, pois hospedando seu site em outro país, o grupo dificulta o acesso a informações que possam levar as autoridades a rastrear os responsáveis. Embasados pelos mais avançados recursos tecnológicos, a rede serve para atrair, informar e mobilizar novos e velhos simpatizantes. Usufruindo da rede mundial, os grupos radicais conseguem divulgar suas informações e alcançar países onde as leis jamais permitiriam.

A facilidade em encontrar sites neonazistas é enorme, e a grande maioria é hospedada em servidores de outros países. Isso faz parte de uma estratégia para dificultar a ação da polícia ou de órgãos que fiscalizam e censuram os conteúdos que são expostos na internet ilegalmente (como pornografia infantil ou apologia às drogas). E também futuramente evitar algum processo em seu país de origem, onde as leis não permitem apologia ao Nazismo. Desse modo os grupos agem à beira da impunidade, pois os países não colaboram entre si para punir ou mesmo inibir esses grupos. Uma ação em conjunto poderia evitar que o neonazismo se espalhasse com tamanha rapidez e também ajudaria a punir os grupos que de alguma forma agridem as minorias étnicas. E o principal, que eles pudessem responder por esses crimes em seu país de origem. (FRANCO DE ANDRADE, 2009)

Outra preocupação é a rapidez com que os sites ficam fora do ar. Os grupos mudam rapidamente o site hospedeiro para não serem descobertos. O que dificulta o rastreamento por

parte dos órgãos competentes e impossibilita o monitoramento das atividades realizadas pelos grupos extremistas, como as brigas entre torcidas as organizadas, as brigas entre punks e skinheads que são marcadas pela internet. Com esse vácuo, essa brecha existente na internet, os grupos neonazistas conseguem aos poucos organizar e identificar mais adeptos de sua ideologia espalhados pelo mundo. Criando assim uma própria rede de troca de informações sobre a ideologia, propiciando o contato entre diferentes grupos para marcar brigas, encontros e manifestações.

Por exemplo, em 9 de abril de 2011, alguns grupos de extrema direita fizeram uma manifestação na cidade de São Paulo a favor do Deputado Jair Bolsonaro⁵. A organização para a realização da manifestação começou através da internet, nas redes sociais do Orkut e Facebook, nas comunidades dos grupos. No site do suposto partido Nacional Socialista Brasileiro 88 os grupos integrantes se mobilizavam nos fóruns de discussão para combinar o dia da manifestação, quais grupos estavam a favor da marcha, quem lideraria, quais pontos deveriam ser expostos⁶. O site do partido⁷ era a ferramenta de articulação de vários grupos do Brasil, entre eles: Kombat Rac; White Power SP; Front 88; Ultra Defesa; Ultra Skins; Brigada Integralista; Resistência Nacionalista; Terror Hooligans.

Outro aspecto que merece ser destacado é o mercado virtual. Hoje se encontra disponível quase tudo, desde bandeiras, artefatos, suvenires nazistas até os livros proibidos (como o "*Mein Kampf* - Minha luta" de Adolf Hitler), que são facilmente comercializados e de difícil controle.

Através da internet hoje as pessoas conseguem ouvir rádio de outros países, como acontece com a "Rádio Islam", localizada nos EUA. Ela é a principal fornecedora de material revisionista, antissemita, nazista, neonazista e de extremistas de todas as tendências do mundo. No site encontramos livros revisionistas, link para outros sites, artigos e todo tipo de propaganda antissemita. Autores como Robert Faurisson, Ernst Zundel, David Irving, David Duke, Bradley Smith e David Layne, colaboram com o festival de artigos e teorias sobre o suposto "sionismo internacional" e o "mito do Holocausto".

⁵ Site Uol disponível em <<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/04/06/neonazistas-ajudam-a-convocar-ato-civico-pro-bolsonaro-em-sao-paulo.htm>> Acesso em 12 de julho de 2012.

⁶PARTIDO NACIONAL-SOCIALISTA BRASILEIRO 88. Disponível em: <<http://nacional-socialismo.com/index.htm>>. Acesso em Março de 2012.

⁷O Site do Partido Nacional Socialista Brasileiro 88 era uma tentativa de mobilização de todos os grupos neonazistas e extremistas em uma unificação, sendo o site, pois, responsável por fazer a intermediação entre os grupos. Na seção "amigos" do site, podíamos ter acesso aos Links para os sites da maioria dos grupos colaboracionistas, integrantes do Partido. Entre eles o grupo Valhalla 88 também faz parte do partido, ele se apresentava como principal grupo teórico e principal criador dos textos, artigos e Ideologia nacional socialista.

A produção e circulação de obras Revisionistas e Negacionistas no Brasil

Paralelamente ao surgimento dos grupos neonazistas, no Brasil, surgiu ainda na década de 80, a Editora Revisão, responsável por produzir diversos livros de matriz antisemita e da negação do holocausto, que futuramente seriam tão utilizados pelos grupos neonazistas, se tornando a “bíblia” neonazista. O principal livro é o “Holocausto Judeu ou Alemão - Nos bastidores da Mentira do Século”, de autoria de Siegfried Ellwanger Castan. Este é o revisionista/negacionista (pseudo-historiador) mais conhecido em nosso país, dono da Editora Revisão e autor de vários livros revisionistas, sendo em sua grande maioria sobre a 2ª Guerra Mundial. (CALDEIRA NETO, 2009, pg.1109)

A editora foi fundada pelo autor no ano de 1985 em Porto Alegre/RS. Após o lançamento o livro, deu-se muita repercussão na mídia e os debates sobre o revisionismo tomaram maiores proporções, pois existia um debate sobre a preservação da memória dos sobreviventes, muitos deles radicados no Brasil, além da comunidade judaica existir em considerável número no Brasil. O livro sobre o holocausto foi o primeiro a ser lançado pela editora em 1987. O autor, assim como a editora, foram processados diversas vezes por racismo e discriminação por diversos grupos de defesa dos direitos humanos e órgãos judaicos (CALDEIRA NETO, 2009). Em 2003, Siegfried Ellwanger foi condenado a quatro anos de reclusão, mas como parte da sentença já havia prescrito, a pena foi revertida para trabalho comunitário pela justiça do RS no Supremo Tribunal (JESUS, C.G.N. 2006 pg.78). Uma das sentenças determinou o fechamento da editora, e mesmo condenado e obrigado a fechar à editora, os livros continuaram sendo produzidos e vendidos na internet sem qualquer problema⁸.

No livro específico, Holocausto Judeu ou Alemão, o autor procura negar o holocausto judeu, apresentando diversas fontes e também relatos de sobreviventes dos campos de concentração. Ele busca explicar aos leitores que a história da 2ª Guerra Mundial é uma deturpação da verdade, sendo a história oficial tendenciosa e articulada para beneficiar os vencedores, ou seja, os aliados. Ele procura articular seus argumentos indicando os “verdadeiros culpados” e únicos interessados em provocar a guerra, os judeus. Com base na argumentação do plano sionista para dominação mundial, e exploração e expropriação dos recursos da Alemanha, S.E Castan vai justificar a maioria das ações do partido nazista como legítimo, sendo uma resposta a supostas constantes agressões sionistas. Como o principal

⁸Adquiri a maioria dos livros pelo site da própria editora em 2008.

objetivo do livro é absolver não só especificamente a Alemanha, mais o principalmente Hitler e o Partido Nazista, o enfoque principal será a negação do Holocausto. A fusão entre o negacionismo e a ideologia hitlerista foi a grande sacada para o movimento neonazista. Essas duas correntes se tornariam as bases ideológicas e as principais ferramentas na construção do movimento político.

No livro em questão, o autor afirma (sem indicar qualquer referência) possuir diversas provas para contrapor o que, segundo ele, seria a história oficial. Ele usa o que seria supostamente memórias de soldados da Alemanha, testemunhos de franceses e poloneses sobreviventes. Ele também usa notícias de jornais brasileiros da época, entre outros recursos. E faz uso da narrativa para dar veracidade a sua argumentação. Porém, o emprego dessas fontes serve para deturpação da realidade, para transformação do passado para uso no presente.

Assim, os depoimentos e a narrativa usada no livro confrontam a dita história oficial questionada pelo autor, visto que os leitores sem conhecimento específico sobre o recorte histórico podem acreditar que as alegações existentes no livro são reais. Até que ponto as fontes utilizadas podem ser tomadas como verdadeira para negação de um fato histórico onde existem milhares de depoimentos, provas, evidências que comprovam o contrário. A negação do passado e a construção de uma memória servem para a legitimação de uma ideologia política.

O revisionismo tem sido um dos principais argumentos ideológicos dos movimentos de extrema direita, por dois motivos: em primeiro lugar para dar novo caráter ao nacional socialismo e em segundo lugar para justificar a aversão ao sionismo e as políticas neoliberais. Por isso, consideramos importante problematizar as ferramentas ideológicas que sustentam as aspirações dos grupos neonazistas.

Outro aspecto importante para o desenvolvimento do neonazismo no mundo é o surgimento das obras revisionistas ou negacionistas como alguns chamam. Essas obras, segundo os revisionistas, têm como objetivo revisar a História com o intuito de reescrever da forma mais "imparcial" possível. Depois de *Mein Kampf* ("Minha Luta") de Adolf Hitler, as produções que revisam o Holocausto são as maiores fontes utilizadas para o desenvolvimento da doutrina nazista. No Brasil o maior produtor de obras sobre a negação do Holocausto é Siegfried Ellwanger Castan, cujo pseudônimo é S.E.Castan. Além de escritor de grande maioria das obras publicadas, Castan é dono da Editora Revisão. Sobre suas obras temos o "best-seller" "O Holocausto Judeu ou Alemão: Nos Bastidores da Mentira do Século", onde

ele diz que os fatos do Holocausto e da Guerra teriam sido distorcidos pelo "sionismo internacional". (JESUS, C.G.N. 2006.)

Os neonazistas usam os livros revisionistas para atrair mais público para o movimento, de modo que as interpretações do revisionismo fazem com que até negros e pardos simpatizem com o nacional-socialismo. Essa aceitação por parte das minorias é construída a partir do mito de Jesse Owens, por conta de sua participação nas Olimpíadas de Berlim, em 1936. A utilização do caso Jesse Owens tem como pressuposto mostrar um nacional socialismo sem preconceitos contra os negros. O atleta negro estadunidense foi o campeão da prova dos 100 metros rasos no atletismo. Segundo a historiografia, Hitler teria se recusado a cumprimentar o vencedor da prova, pois isso implicaria em prejuízo ao nacional socialismo, pois um negro vencer um ariano em seu próprio território colocaria em xeque a "superioridade racial" dos Alemães. (COSTA, 2000, pg.144)

O revisionista S. E. Castan em seu já mencionado livro "O Holocausto Judeu ou Alemão: Nos Bastidores da Mentira do Século", procura recontar essa história partindo de documentos e de fontes orais que absolvem Hitler de qualquer responsabilidade. Segundo a teoria negacionista, a idealização de um *Führer* (titulação usada por Hitler como "guia" do povo germânico) com preconceitos a negros foi uma corrente patrocinada por entidades sionistas que obtinham o domínio dos meios de comunicação. A partir dessa análise, torna-se possível que alguns negros absorvam a doutrina nazista como uma política que abrangeria todas as pessoas.

O grande problema é que os revisionistas, em grande parte, estão ligados a grupos de extrema direita, se tornando uma leitura tendenciosa. Vale lembrar que as fontes escolhidas para a produção dessas obras se limitam em grande parte a autores ex-nazistas ou antissemitas. As discussões tomadas pelos negadores do Holocausto vão no sentido da irracionalidade, e comprovam que a imaginação sobre o sionismo internacional ainda está presente no cotidiano das pessoas. A sobrevivência desses mitos tem em base livrar o nazismo do seu fardo de carrasco, e principalmente da vergonha que ainda carregam.

As deformações causadas pelos pseudo-historiadores têm como característica uma assustadora demagogia e um fanatismo incontrolável. As teorias acabam servindo de proposta política para os adeptos do neonazismo. O discurso nazista apresenta uma aura romântica que ainda seduz as pessoas, como a suposta bravura dos líderes da Gestapo, a disciplina, a fidelidade com a causa nazista. Ou mesmo os grandes desfiles, a organização, a metódica empregada pelos membros da SS. A entrega da sua vida para um bem maior, como o

desenvolvimento do Estado, serviria para acender a chama da vida. Essa sedução faz com que alguns jovens no Brasil tenham o nazismo como um lema para a vida.

O renascimento dessas conjunturas políticas seria um reflexo da angústia e da incerteza produzidas pelo mundo neoliberal. O desemprego, a exclusão social e a falta de perspectiva levam estes jovens a buscar nesses grupos uma "família", em que poderiam se sentir como parte de algo. Logo, essa busca acaba se tornando uma resposta para as aflições e incertezas produzidas pelo mundo do capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BREPOHL DE MAGALHAES, Marionilde D. **Pangermanismo e Nazismo: A Trajetória Alemã Rumo Ao Brasil**. 1. ed. CAMPINAS: Editora da UNICAMP, 1998.

CALDEIRA NETO, O. **Breves reflexões sobre o uso da Internet em pesquisas historiográficas**. Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 4, Nº20, Rio, 2009 [ISSN 1981-3384] Disponível em: <<http://www.tempopresente.org>>. Acesso em agosto de 2012.

CALDEIRA NETO. Odilon **Memória e Justiça: o negacionismo e a falsificação da história**. UEL. Londrina. 2009

CHANG, Fábio. **A serpente na rede: extrema-direita, neofascismo e Internet na Argentina**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2008.

CHASIN, J. **O integralismo de Plínio Salgado - forma de regressividade do capitalismo hiper-tardio**. 2a. ed., Belo Horizonte:UMA/São Paulo:Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.

COSTA, M. R. C. **Carecas do Subúrbio: Caminhos para o nomadismo moderno**. São Paulo: Musa, 2000.

DIAS, A **Os Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet**. Unicamp: Campinas, 2007.

DIETRICH, A. M., **Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil**. São Paulo: FFLCH/USP, 2007

DIWAN, P. **Raça Pura: Uma História de eugenia no Brasil e no Mundo**. Editora Contexto, São Paulo, 2011.

CONTE, E; ESSNER A **Demanda da raça: Uma antropologia do Nazismo** Instituto Piaget, Lisboa, 1995

FRANCO DE ANDRADE, G **A utilização da internet na difusão dos movimentos de extrema direita no Brasil.** Maringá. 2009. Disponível em: <<http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/190.pdf> >. Acesso em agosto de 2012.

GOODRICK-CLARKE, N. **Sol Negro: Cultos Arianos, Nazismo Esotérico e Políticas de Identidade.** São Paulo, Madras, 2004

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, E. **O Presente como História.** IN: HOBSBAWM, E. *Sobre História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998

HOCKENOS, Paul. **Livres para odiar. Neonazistas: ameaça e poder.** São Paulo: Scritta, 1995.

JESUS, C.G.N. **Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revista Editora Revisão e as estratégias da intolerância.** São Paulo, Editora UNESP, 2006

JIMENEZ CORES, P. **A estratégia de Hitler: As Raízes Ocultas do Nacional Socialismo.** São Paulo, Madras, 2007

LOPES, Luiz Roberto. **Do Terceiro Reich ao novo nazismo.** Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFGRS, 1992.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Rio de Janeiro: palestra proferida no 3.o Seminário Nacional de Relações Raciais e Educação - PENESBE-RJ, 5/11/2003, p. 1-17.

REICH, William. **Psicologia de massas do fascismo.** São Paulo: Martins

ROSENBAUM, Dan. **O Hitler da história.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SALEM, Helena. **As tribos do mal: o neonazismo no Brasil e no mundo.** São Paulo: Atual, 1995.

VIZENTINI, P. F. (ORG) **Neonazismo, Negacionismo e extremismo político.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2